

AUTOIMAGEM, AUTOESTIMA E OS IMPACTOS EM SAÚDE MENTAL DE PACIENTES COM HIDRADENITE SUPURATIVA

Data de submissão: 06/09/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Elizeth Germano Mattos

UniSALESIANO – Centro Universitário
Católico Salesiano *Auxilium*,
Coordenadora e Docente do Curso de
Psicologia
Lins – SP
<http://lattes.cnpq.br/7429917581688551>

Gislaine Lima da Silva

UniSALESIANO – Centro Universitário
Católico Salesiano *Auxilium*, Docente do
Curso de Psicologia
Lins – SP
<http://lattes.cnpq.br/6206715998256868>

Rafaela Gabriela Luiz Venâncio

UniSALESIANO – Centro Universitário
Católico Salesiano *Auxilium*, Acadêmica
do Curso de Psicologia
Lins – SP
<https://lattes.cnpq.br/5631943197510374>

RESUMO: A pele é o principal órgão que transmite nossas características físicas, permitindo a criação de uma identidade visual. A aceitação do corpo habitado ocorre, em sua maioria, pela verificação da concordância existente entre o que se vê e o que se sente. Doenças psicodermatológicas podem ser divididas em 4 grupos.

Em especial, a desordem psiquiátrica secundária que traz que os pacientes podem desenvolver questões psicoemocionais devido a doença dermatológica. Torna-se, assim, imprescindível identificar a relação de pacientes com hidradenite supurativa com sua autoestima e autoimagem, e quais os sofrimentos psíquicos vivenciados por estes em razão da doença. Para isso, foi realizado um questionário contendo 10 perguntas disponibilizado pelo *Google Forms*, recrutando participantes pela rede social Facebook. Trata-se, no entanto, de uma pesquisa qualitativa que visa estudar o fenômeno, considerando seu contexto. As respostas foram analisadas por meio do método de Bardin, agrupando por categorias e semelhanças. Participaram da pesquisa 65 pessoas. Tem-se que pacientes com Hidradenite Supurativa apresentam autoestima rebaixada devido a suas condições de saúde, bem como sentimentos de culpa, tristeza, vergonha e isolamento social. Torna-se, assim, imprescindível que um paciente de HS seja acompanhado por um profissional de psicologia para que consiga ressignificar seus sentimentos em relação as dores que são tão dilacerantes, bem como uma maior pesquisa psicológica e dermatológica na área em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Hidradenite Suppurativa. Autoestima. Autoimagem. Psicodermatologia.

SELF-IMAGE, SELF-ESTEEM AND THE IMPACT ON THE MENTAL HEALTH OF PATIENTS WITH HIDRADENITIS SUPPURATIVA.

ABSTRACT: The skin is the main organ that transmits our physical characteristics, allowing us to create a visual identity. Acceptance of the inhabited body occurs, for the most part, by verifying the agreement between what is seen and what is felt. Psychodermatological disorders can be divided into four groups. Secondary psychiatric disorder means that patients can develop psycho-emotional issues because of the dermatological disease. It is therefore essential to identify the relationship between patients with hidradenitis suppurativa and their self-esteem and self-image, and the psychological suffering they experience because of the disease. To do this, a questionnaire containing 10 questions was made available on Google Forms, and participants were recruited via the social network Facebook. However, this is a qualitative study which aims to study the phenomenon, considering its context. The answers were analyzed using Bardin's method, grouping them by categories and similarities. Sixty-five people took part in the survey. Patients with Hidradenitis Suppurativa have lowered self-esteem due to their health conditions, as well as feelings of guilt, sadness, shame and social isolation. It is therefore essential that a HS patient is accompanied by a psychology professional so that they can re-signify their feelings in relation to the pain that is so excruciating, as well as further psychological and dermatological research in the area in question.

KEYWORDS: Hidradenitis Suppurativa. Self-Esteem. Self-Image. Psychodermatology.

1 | INTRODUÇÃO

A pele é o principal órgão que transmite nossas características físicas, permitindo a criação de uma identidade visual. A aceitação do corpo habitado ocorre, em sua maioria, pela verificação da concordância existente entre o que se vê e o que se sente. Assim, compreende-se que a pele é uma fachada que nos expõe em contato com o mundo exterior. Questões em distúrbios dermatológicos em que há um rompimento com o socialmente considerado “normal” apresentam uma alteração na autoimagem do sujeito que se vê diante de um quadro não antes experimentado, podendo ocasionar em conflitos psíquicos.

Ao considerar a pele como um órgão capaz de manifestar conflitos e emoções, percebe-se o aumento da ansiedade e de sentimentos de retraimento em consequência dos distúrbios dermatológicos, assim como a existência de associação entre esses aspectos psicológicos e a exacerbação de sintomas físicos (Hoffmann; Zogbi; Fleck; Müller, 2005 *apud* Leite, 2019, p. 31).

Segundo a mesma autora, doenças psicodermatológicas podem ser divididas em quatro grupos, sendo: desordem psicofisiológica, desordem psiquiátrica primária, desordem psiquiátrica secundária, e desordem sensorial cutânea. Para a elaboração da pesquisa, no entanto, há como foco a desordens psiquiátricas secundárias em que as alterações psíquicas são ocasionadas pelo distúrbio dermatológico.

Segundo Cardoso e Carneiro (2020, p. 305), a hidradenite “é uma doença inflamatória cutânea crônica e recorrente, caracterizada pela existência de nódulos, abscessos e fístulas dolorosas”. Estes abscessos irão surgir em locais onde há glândulas sudoríparas, como axilas, virilha e nádegas, sendo mais frequente em mulheres, podendo surgir entre a puberdade e a vida adulta. O tratamento da doença, no entanto, pode ser feito a partir de medicamentos antibióticos ou cirurgias quando não há o estágio inflamatório.

A hidradenite é uma doença dermatológica que irá causar nódulos e cicatrizes em regiões que poderão ficar expostas, como no caso das axilas. Quando inflamadas, poderão soltar abscessos e causar mau cheiro, podendo causar estigma social e isolamento por parte do sujeito, devido ao padrão estético em que a sociedade atual se encontra. Aquilo que lhe é diferente, não é necessariamente aceitável. Este comportamento tanto social quando individual pode acarretar conflitos psíquicos, bem como prejudicar a autoimagem e autoestima do sujeito.

A autoestima, segundo Schultheisz e Aprile (2013 *apud* Leite, 2019), refere-se ao aspecto em estima que o sujeito tem para com si. É o sentimento de valor que atribui àquilo que sente e pensa; uma boa autoestima contribui para uma saúde mental fortalecida. Por outro lado, a autoimagem refere-se a como a pessoa se percebe, englobando aspectos de personalidade, aparência física e comportamento. “Portanto, a autoimagem gera a autoestima, que afeta a relação que o Eu constrói nas pessoas; com uma baixa autoimagem consequentemente terá uma baixa autoestima” (Jesus; Santos; Brandão, 2015, p. 78).

A autoestima é um principal construto para a manutenção da saúde mental. Baixa autoestima pode ser um fator presente em quadros clínicos como a depressão. Segundo Leite (2019), em estudo realizado na Suécia, pôde-se perceber que uma autoestima rebaixada era um fator de risco para um sintoma depressivo.

a) Autoimagem corporal e autoestima

Ter uma boa imagem corporal reforça um padrão de aceitação ou rejeição social. Segundo Barbosa, Matos, Costa (2011), cada sociedade cria um padrão de corpo a partir de um discurso de padrão de beleza, sensualidade e postura.

Ainda de acordo com os autores, na Grécia Antiga apreciavam a beleza de um corpo saudável e proporcional. Ter um corpo bonito era tão importante quanto o intelecto. O corpo não era somente um alvo de beleza, era também alvo de combate e deveria estar sempre alinhado com os padrões da época.

Já com o cristianismo, o corpo que antes era visto como belo passa a ser alvo de pecado. “O bem-estar da alma deveria prevalecer acima dos desejos e prazeres da carne. O corpo, prisão da alma, era, pois, um vexame, devia ser escondido” (Barbosa; Matos; Costa, 2011, p. 26).

O corpo, assim, passa por um processo histórico de criação de significado. O que

antes era considerado belo, já não se encaixa mais nos referenciais de beleza atuais, sendo que cada época constrói seu próprio padrão de beleza.

Na atualidade, o corpo belo é aquele que mais se aproxima a um corpo “modelo”, digno de passarelas. Sendo assim, mulheres magras e curvilíneas; homens musculosos e definidos (Pinheiro *et al.* 2020).

Assim, quando se cria um padrão de beleza, logo se cria, também, um modelo daquilo que será aceito ou rejeitado. Faz-se um julgo de valores de uma pessoa a partir de características físicas que ela apresenta.

De acordo com Vasconcelos (2017 *apud* Bastian, 2020), a autoimagem é uma característica subjetiva que indica como o indivíduo se identifica e se relaciona consigo e com o meio.

Enquanto isso, a autoestima estaria mais ligada ao sentimento de valor que o ser humano tem para consigo. Seria, desta forma, como o indivíduo aceita a si mesmo e qual o grau de satisfação com sua aparência e sua condição de vida, seus valores, suas atitudes, seus princípios (Schultheisz; Aprile, 2013 *apud* Pinheiro *et al.*, 2020).

b) Hidradenite supurativa

A hidradenite supurativa ou acne inversa é uma patologia cutânea que atinge indivíduos entre o período da puberdade e os 40 anos, sendo manifestada mais em mulheres do que em homens (Muzy; Crocco; Alves, 2014).

Embora as causas ainda sejam parcialmente desconhecidas, o que se sabe é que podem causar sérias lesões físicas, dores e mau cheiro; atingindo diversas áreas do corpo, como: anorretal, axilares, inframamárias, inguinal, perineal.

As consequências geradas por tais acometimentos vão desde lesões cutâneas até doenças psicossomáticas, as quais podem derivar do estigma e das incapacidades causadas pela manifestação da doença. A depressão, por exemplo, está intimamente ligada às apresentações clínicas da hidradenite, sendo atribuída tanto pela diminuição da autoestima, quanto da atividade móbil (Silva *et al.*, 2020).

A ocorrência da doença gera sofrimento significativo na qualidade de vida do paciente. De acordo com Pacheco *et al.* (2021), é difícil o diagnóstico de hidradenite supurativa por dar-se a diagnósticos diferenciais a outras patologias cutâneas.

Inicialmente, o tratamento para a hidradenite supurativa é meramente clínico, utilizando-se de fármacos específicos. Porém, caso o método farmacêutico não funcione, utiliza-se do método cirúrgico, considerado, em casos mais graves, o único método puramente curativo. A drenagem poderia ser uma solução, mas haveria possibilidade de recidiva (Silva *et al.*, 2020).

O tipo de cirurgia dependerá da condição do caso do paciente, levando em conta o tamanho e o local da lesão.

2 | OBJETIVO DA PESQUISA

Verificar a relação dos aspectos psicológicos como a depressão envolvidos no caso clínico da hidradenite supurativa, e como este vem a afetar a autoestima e a autoimagem do sujeito para com a doença que vivencia.

3 | METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Este tipo de pesquisa tem um enfoque fenomenológico, compreendendo as situações de um modo geral, levando em conta, principalmente, o contexto em que a problemática da pesquisa se encontra.

A amostra foi composta por 65 participantes entre os sexos masculinos e femininos, acima de 18 anos, que tivessem ou não realizado a cirurgia para melhora dos sintomas da hidradenite supurativa.

Foi elaborado, ainda, um questionário com perguntas abertas, sendo mais amplas e proporcionando maior possibilidade de investigação. Isto, no entanto, possibilita que o(a) entrevistado(a) responda de maneira que considerar confortável. Além disso, com as perguntas fechadas, tem-se a possibilidade de obter respostas pontuais e focadas nos itens a serem investigados (Severino, 2013).

Os participantes foram recrutados via Facebook em grupos de apoio para portadores da doença, e o questionário foi disponibilizado pelo *Google Forms*. Ainda, foi informado ao participante quanto aos riscos e benefícios da pesquisa, bem como apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes não foram identificados, permanecendo, assim, o sigilo quanto à investigação.

A presente pesquisa foi realizada conforme os princípios regidos pela Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012 e Resolução n.º 510 de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Sendo assim, a pesquisa foi efetuada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), enviada para análise em 05 de junho de 2023 e aprovada no dia 18 de agosto de 2023, sob o número do parecer: 6.248.532

4 | RESULTADOS

Dos 65 participantes da pesquisa, em relação ao sexo, 87,7% indicaram ser feminino, e 12,3% indicou ser masculino. De acordo com Muzy, Crocco e Alves (2014), a incidência de hidradenite supurativa é de uma proporção de 3,6:1 em mulheres do que homens, sendo mais comum de acontecer após a puberdade e os 40 anos, o que explicaria os dados seguintes. As idades variaram de 21 a 65 anos. Da realização da cirurgia para melhora dos sintomas, 61,5% indicaram que não realizou, 33,8% indicaram que já realizou, e 4,6% indicaram que estava para realizar.

Ainda, os entrevistados serão identificados pela letra “E”.

IDADE	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
7 até 20	20	30,77
21 até 34	35	53,84
35 até 49	10	15,39
TOTAL	65	100

Tabela 1 - Com quantos anos você foi diagnosticado com a doença?

Fonte: Autoras, 2023.

Dos resultados, 53,84% dos participantes entre 21 e 34 anos de idade foram diagnosticados pela doença. De acordo com Cabete e Martins (2023), é muito comum o atraso no diagnóstico do paciente de Hidradenite Supurativa, podendo levar cerca de 7 a 10 anos para o diagnóstico correto. Este atraso deve-se ao fato de que a HS pode ser diferencial com doenças como Doença de Crohn, doença pilonidal, entre outros.

RESPOSTAS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Apenas responderam “sim”	30	46,15
Apenas responderam “não”	4	6,15
Autoestima	1	1,54
Atividades de lazer	9	13,85
Vestuário	5	7,69
Dor	8	12,31
Trabalho	3	4,61
Escola	2	3,07
Relacionamento	3	4,61
TOTAL	65	100

Tabela 2 - Você já deixou de fazer algo ou ir em algum lugar por causa da doença?

Fonte: Autoras, 2023.

A hidradenite é uma doença que impossibilita o sujeito de fazer determinadas coisas e se pôr em determinadas situações. Atividades de lazer como piscina ou praia são interrompidas pela aparência das cicatrizes, pelas fortes dores e pelo odor. Pode ocasionar, ainda, uma recusa em vestimentas devido aos mesmos fatores.

[...] não uso determinadas roupas, além de me sentir muito mal comigo mesma (E1)

Essas condições acabam por ocasionar estigma e ansiedade nos pacientes com a doença (Cabete; Martins, 2023). O preconceito aparece de diversas formas na sociedade atual. Ele aparece como uma atitude de julgamento negativo de um grupo para um membro individual, incluindo raça, cor, orientação sexual e, como no caso, em membros que têm

doenças que não são comuns e que deixam marcas pelo corpo, quebrando um padrão social (Myers, 2014). Além disso, os relacionamentos são afetados devido a uma condição de vergonha e medo de julgamento devido aos fatores que a doença traz, impossibilitando que as pessoas tenham relações sexuais pela aparência da doença, e até mesmo pelo fato de conhecer pessoas.

RESPOSTAS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Apenas responderam “sim”	8	12,31
Apenas responderam “não”	23	35,38
Preconceito	13	20,0
Descrédibilidade	7	10,77
Algo contagioso	3	4,61
Mau cheiro	6	9,23
Nojo	5	7,7
TOTAL	65	100

Tabela 3 - Já foi vítima de preconceito ou escárnio por conta da doença? Relate.

Fonte: Autoras, 2023.

Percebe-se, nesta tabela, que as pessoas são vítimas de preconceito por causa da doença, tendo 20% de respostas. Ainda, são descrédibilizadas pelos médicos que não acreditam que se trata de uma doença séria, que seja apenas uma acne inversa, ou mesmo por não ter conhecimento daquilo a que se propõem a tratar. Isso se dá ao fato de a doença ser algo aparentemente novo no campo da medicina, e alguns estudos ainda estão sendo feitos para melhor elaborar um tratamento. Ainda, a partir de alguns relatos, a doença passa a ser vista como algo contagioso, sendo 4,61%, o que interfere nos modos de relação que o indivíduo venha a ter, ocasionando em uma discriminação exacerbada.

A discriminação é um comportamento negativo que tem em suas fontes uma atitude preconceituosa (Myers, 2014). Sendo assim, uma pessoa é “retirada” de um grupo por ter fatores em si que estes ainda não compreendem ou não aceitam, o que acaba por afetar diretamente o indivíduo em suas questões de saúde emocional.

RESPOSTAS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Apenas responderam “sim”	41	63,1
Apenas responderam “não”	3	4,61
Baixa autoestima	16	24,61
Desconforto	5	7,69
TOTAL	65	100

Tabela 4 - Sente que a doença afeta a forma como você se vê?

Fonte: Autoras, 2023.

De acordo com a pergunta da tabela acima, tem-se o seguinte relato:

Sim! Que tudo que queremos fazer é afetado. Profissionalmente, fisicamente e mentalmente viver com essa doença é um dia de cada vez. A autoestima afeta de uma forma tão séria na sua vida, que para você se erguer e não fazer algo pior tem que ser mais forte que as dores que te fazem sofrer (E2).

A baixa autoestima aparece em uma frequência de 24,61%. Isso significa dizer que a doença afeta a autoestima do sujeito a ponto de colocar-se em situações de risco. A marca evidente da condição dermatológica mostra a condição de saúde do indivíduo, que pode sentir vergonha, isolamento social e baixa autoestima (Locala, 2009 *apud* Leite, 2019).

A autoestima é uma relação de aprovação do sujeito para com si mesmo. Isso significa dizer que ele é um indicativo, também, da saúde mental do indivíduo. Se o sujeito não consegue se aprovar e se aceitar como é, facilmente terá condições psicológicas afetadas.

RESPOSTAS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Apenas responderam “sim”	13	20
Apenas responderam “não”	4	6,15
Ansiedade	7	10,77
Depressão	9	13,84
Baixa autoestima	17	26,15
Vontade de morrer	2	3,07
Vestimenta	5	7,7
Dor	8	12,3
TOTAL	65	100

Tabela 5 - Verifica a presença de sofrimento psíquico relacionado a doença? Relate.

Fonte: Autoras, 2023.

A ansiedade tem por característica a percepção da impossibilidade do controle das situações adversas. Já a depressão é relacionada a perda de prazer em atividades que anteriormente eram prazerosas gerando, pelo menos, um sintoma de humor deprimido (Leite, 2019).

Segundo Andrade e Angerami (2001 *apud* Leite, 2019), a autoestima é um fator importante que indica saúde mental. Sendo a avaliação que o indivíduo faz de seu próprio valor como já mencionado anteriormente, uma baixa autoestima pode ser um indicador de sofrimentos mentais como ansiedade e depressão.

A pele, segundo Leite (2019), age como um grande influenciador social, afetando, também, o bem-estar psicológico do sujeito. Ainda, a autora traz algumas categorias que interferem na questão autoestima-pele, mas aqui será abordado apenas uma de interesse da pesquisa; as desordens psiquiátricas secundárias, onde o paciente vem a desencadear

doenças psiquiátricas devido a doenças de pele. A autora ainda traz que além de afetar a autoestima, as doenças dermatológicas – como no caso a hidradenite supurativa e as diversas cicatrizes que deixa pelo corpo – pode trazer consequências como depressão e ansiedade.

RESPOSTAS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Tristeza	21	
Culpa	8	
Pensou em suicídio	10	
Baixa autoestima	15	
Raiva	8	
TOTAL	65	100

Tabela 6 - Quais os principais pensamentos e sentimentos envolvidos quando você pensa em sua relação com a doença?

Fonte: Autoras, 2023.

De acordo com as respostas obtidas na pesquisa:

Sinto que vim com um defeito e que não tenho o mesmo direito das outras pessoas, sinto que elas são melhores que eu porque vieram com um corpo bonito, sem mancha nem nada e o meu veio com defeitos [...] (E3)

Que isso nunca vai passar. Que parece até que Deus está me castigando por algo que fiz. (E4)

O sentimento de tristeza e culpa são aparentes, bem como os pensamentos suicidas em relação a doença. Isso se dá devido a uma baixa autoestima enfrentado pelos pacientes com a doença.

A autoimagem ante um aspecto físico refere-se ao modo de como a pessoa se enxerga e como se percebe. Já a autoestima é o sentimento que a pessoa tem em relação à sua autoimagem, como a pessoa se interpreta e se vê. Portanto, a autoimagem gera a autoestima, que afeta a relação que o Eu constrói nas pessoas; com uma baixa autoimagem consequentemente terá uma baixa autoestima (Jesus; Santos, Brandão, 2015, p. 78)

Tais sentimentos, somados a uma rejeição social, podem levar uma pessoa com baixa autoestima ao isolamento social, por sentirem-se menos do que aqueles que as julgam. Algumas pessoas enfrentam a situação com mais facilidade, enquanto outras se veem entregues a sentimentos de culpa e tristeza que vêm seguidos pelas limitações que a doença traz.

5 | CONCLUSÃO

De acordo com a pesquisa, percebeu-se que a Hidradenite Supurativa afeta de forma significativa a autoestima do paciente que acaba por desencadear sentimentos de

culpa, tristeza e pensamentos de morte; além de apresentar uma autoestima rebaixada.

Dos resultados, 26,15% apresentam uma autoestima rebaixada como um sofrimento psíquico durante este processo. A aparição de caroços, a formação de abscessos e o odor do pus são as principais características que desencadeiam vergonha e isolamento social. Além disso, a vergonha é um fator tão significativo na vida deste paciente que ele evita fazer coisas que lhe dão prazer, se relacionar com pessoas e, até mesmo, vestir roupas que gostam. A doença se torna um fator que impossibilita que o sujeito tenha uma vida considerada “normal”.

Além de existir um atraso no diagnóstico, quando descoberto, nem todos os métodos tradicionais de tratamento são eficazes, bastando a cirurgia e, mesmo assim, não são todos os pacientes – pelo menos no âmbito da pesquisa – que tiveram ou terão acesso a ela.

Conclui-se, desta forma, que existe uma necessidade de um maior enfoque em pesquisa sobre a doença da Hidradenite Supurativa pelas áreas da medicina e psicologia, para compreensão das alterações hormonais e psicológicas enfrentadas no processo da dor. Ainda, é imprescindível que o paciente de HS seja acompanhado por um profissional em psicologia para melhor compreensão de seus processos mentais, aliviando no sofrimento psíquico desencadeado por uma doença ainda não tão reconhecida.

REFERÊNCIAS

Bastian, Flávia Castelan. **O padrão de beleza e seus efeitos sobre autoimagem, autoestima e imagem corporal**. Universidade do Sul de Santa Catarina – UniSul. Florianópolis, 2020.

Cabete, Joana; Martins, Inês Aparício. Recomendações na Abordagem do Doente com Hidradenite Supurativa. **Revista Científica da Ordem dos Médicos**. Port 2023.

Jesus, Patrícia Britto Ribeiro de; Santos, Iraci dos, Brandão, Euzeli da Silva. A autoimagem e a autoestima das pessoas com transtornos de pele: uma revisão integrativa da literatura baseada no modelo de Callista Roy. **Aquichan**, v.15, n.1, 2015, p.75-89.

Leite, Gabriela de Queiroz Cerqueira. **Psicodermatologia: autoestima e autoimagem na relação entre doenças de pele, ansiedade e depressão**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, 2019.

Muzy, Guilherme; Crocco, Elisete Isabel; Alves, Renata Oliveira. Hidradenite supurativa: atualização e revisão de suas modalidades terapêuticas. **Surg Cosmet Dermatol**, 2014.

Pacheco, Lenise Maria Spadoni, et. al. Tratamento cirúrgico de hidradenite supurativa complexa: relato de caso. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.3, maio/jun. 2021, p. 10764-10773.

Pinheiro, T., et al. Relação dos procedimentos estéticos com satisfação da autoimagem corporal e autoestima de mulheres. **Revista Cathedral**, 2020. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/106>. Acesso em: 02 jan.2024.

Russo R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, 2005.

Silva, Leticia Vieira da. Abordagem terapêutica da hidradenite supurativa: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Científica UNIFAGOC**, v. 01, 2020.